
**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A RECEPÇÃO DO
TEXTO LITERÁRIO E INFORMACIONAL**

**COMPETENCE IN INFORMATION AND A RECEPTION
LITERARY AND INFORMATIONAL TEXT**

Luciane de Fátima Beckman Cavalcante – lucifbc@gmail.com
Doutoranda em Ciência da Informação - Universidade Estadual Paulista
(UNESP). Professora colaboradora no Departamento de Ciência da In-
formação da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Sueli Bortolin – bortolin@uel.br
Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Regina Célia Baptista Belluzzo - rbelluzzo@gmail.com
Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
(UNESP-Marília) e do Programa de Pós-Graduação em TV Digital: In-
formação e conhecimento (UNESP-Bauru),

RESUMO

Apresenta as primeiras discussões a respeito da questão – competência em informação e recepção textual. Tem como base os textos teóricos da área da Ciência da Informação e da área de Letras. Pretende-se demonstrar, aos diferentes pesquisadores, que elementos da *teoria Estética da Recepção* podem levá-los a compreender que além de detectar as necessidades dos sujeitos, avaliar suas buscas informacionais e o uso da informação, é também necessário entender como esses sujeitos recebem a informação no momento de sua apropriação. As primeiras considerações tendem a demonstrar que a *teoria Estética da Recepção* pode contribuir com os estudos da competência em informação.

Palavras-chaves: Competência em informação. Estética da recepção. Recepção do texto literário e informacional.

ABSTRACT

Presents the first discussions about the question- competence in information and text reception. Their bases are theoretical text in the areas of Science of Information and letters. It is intended to demonstrate, to different researchers that elements of *aesthetics' reception theory* can lead them to understand that besides detecting the needs of subjects, evaluate its informational search and use of information, it is also necessary to understand how these subjects receive information in the moment of its appropriation. The first considerations tend to demonstrate that the *aesthetics' reception theory* can contribute in studies of competence in information.

Key-words: Information literacy. Aesthetics' reception theory. Text Informational reception.

1 INTRODUÇÃO

A informação é um elemento que perpassa todas as esferas com as quais os sujeitos se relacionam. Corretamente assimilada, a informação “[...] produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive” (BARRETO, 2008, p. 2). De acordo com Barreto (2008) citado por Vitorino e Piantola (2009, p.132) “[...] um propósito da Ciência da Informação é o de conhecer e fazer acontecer o tênue fenômeno de percepção da informação pela consciência, percepção que conduz ao conhecimento do objeto percebido”.

O desenvolvimento natural da Sociedade da Informação introduziu e vem introduzindo novas formas de acesso a informação a qual está disponível em distintos suportes, em ambientes de redes e de convergências de mídias o que demanda novas competências dos sujeitos. Assim, pode-se destacar que:

A informação tem sua origem e seu destino na sociedade que a gera e a transforma em conhecimento, e à formação do profissional da informação se acrescentam os imperativos do trato com a informação – mutantes – e a compreensão tanto de sua origem finalidades sociais – como utilizá-la para gerar conhecimento (SMIT; BARRETO, 2002) – o que sugere a necessidade de uma competência única, fundamental e multidimensional: a competência informacional. (VITORINO; PIANTOLA, 2008, p. 132-133).

Neste cenário, é relevante destacar a questão da *information literacy*, termo que possui várias acepções na literatura nacional e internacional, mas que será abordado doravante como competência em Informação, considerando que sua

adoção oficial para o Brasil é mencionada recentemente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no livro *Overview of Information Literacy Resources Worldwide* (HORTON JÚNIOR, 2013).

A competência em informação implica em que o sujeito possa se relacionar com a informação, de forma que o mesmo reconheça suas necessidades informacionais e, de modo autônomo, consiga explorar as fontes em diferentes suportes e formatos em um processo de busca de informação, implicando, ainda, em saber avaliar a informação de modo crítico e fazer uso ético e legal da mesma (BELLUZZO, 2007).

Ressalta-se que o conceito de competência traz à tona várias concepções, porém, vamos entendê-la como sendo um composto de duas dimensões distintas: a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permitem a intervenção prática na realidade e, a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o atual contexto social. (BELLUZZO, 2008, p.13)

Destaca-se que apesar do escopo da competência em informação ser amplo, é possível que alguns elementos ainda não foram explorados no seu âmbito tais como, por exemplo, a recepção da informação, pois, entende-se que antes de haver o uso da informação há o processo de sua recepção pelo sujeito, o qual irá internalizar e criar significados a partir da informação.

Pensando dessa forma, o presente trabalho trará reflexões procurando mostrar inter-relação entre a competência em informação e a recepção da informação, no âmbito do leitor literário.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A *American Library Association* (ALA) é responsável por um dos primeiros conceitos sobre competência em informação, segundo o qual para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação, possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1989).

A partir desta definição, a competência em informação foi amplamente difundida em diversos países, assim como muitos estudos foram desenvolvidos acerca desta temática. No contexto nacional, é possível verificar, por exemplo, os de Dudziak (2001; 2003), Campello (2003), Vitorino e Piantola (2009), entre outros.

Belluzzo (2010, p. 33) propõe de forma ilustrativa que competência em informação “[...] constitui-se em processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e de sua abrangência.”

Para Dudziak (2010) pessoas competentes em informação estão familiarizadas com mídias de natureza vária, incluindo jornais, revistas, televisão, internet, entre outras. Sabem como o mundo da informação é estruturado, como acessar as redes formais e informais de informação, conhecem as estruturas de comunicação.

Nesse sentido, pode-se denotar que a competência em informação confere um caráter de autonomia ao sujeito no que tange a lidar com todo arcabouço informacional no qual está envolto, seja no âmbito familiar, social, educacional ou de trabalho.

Alejandro Uribe Tirado analisou definições e descrições de competência em informação mais utilizadas nas últimas décadas, com o objetivo de identificar tendências e inter-relações entre os termos mais utilizados e seus autores, e propôs uma macro-definição que se busca sintetizar. Assim, esse autor menciona que o processo de aprendizagem visa que o indivíduo e a comunidade, com o acompanhamento de uma instituição educacional ou biblioteconômica, empregando diferentes estratégias didáticas e ambientes tradicionais ou eletrônicos, alcance conhecimentos, habilidades e atitudes em tecnologia, comunicação e informação, permitindo identificar suas necessidades de informação, e utilizando diferentes formatos, meios e recursos, para poder localizar, selecionar, recuperar, organizar, avaliar, produzir, compartilhar e divulgar de forma adequada e eficiente essa informação, com uma posição crítica e ética, a partir de suas potencialidades (cognitivas, práticas e afetivas) e conhecimentos prévios, e apresentar interação apropriada com outros indivíduos e comunidades, segundo os diferentes papéis e contextos que assume, para, finalmente, obter e compartilhar novos conhecimentos e aprendizagem permanente

que se reverta em benefício pessoal, organizacional, comunitário e social perante as exigências da sociedade contemporânea. (URIBE TIRADO, 2010).

Dentre as definições encontradas na literatura acerca da competência em informação, é possível verificar determinadas concepções como argumenta Cristine Bruce (2003) ao apresentar sete concepções para a competência em informação. Segundo a autora mencionada “[...] a information literacy está acima do desenvolvimento de competências. É muito mais uma questão situacional experimentada pelos sujeitos, resultando disso uma ênfase em determinadas concepções e experiências” (DUDZIAK, 2003, p. 27).

Concepção baseada nas tecnologias da informação – a competência em informação é vista como a utilização das tecnologias de informação para a recuperação e comunicação da informação.

Concepção baseada em fontes de informação – a competência em informação consiste em encontrar a informação localizada nas fontes informacionais.

Concepção baseada na informação como processo – a competência em informação é vista como a execução de um processo no qual são aplicadas estratégias pelos usuários ao se deparar com uma situação nova ou de falta de conhecimento ou de informação.

Concepção baseada no controle da informação – a competência em informação é vista como controle da informação, no qual o foco principal é fornecer a informação pelo controle do usuário. As pessoas competentes em informação são aquelas que podem utilizar diferentes meios para trazer a informação, dentro da sua esfera de influência, de forma que podem recuperá-la e manejá-la quando necessário.

Concepção baseada na construção do conhecimento – A competência em informação é vista como a construção de uma base pessoal de conhecimentos em uma nova área de interesse.

Concepção baseada na extensão do conhecimento – a competência em informação é vista como o trabalho com o conhecimento e as perspectivas pessoais adotadas de tal forma que são obtidos novos pontos de vista. O uso da informação nesta perspectiva implica uma capacidade de intuição e introspecção criativa.

Concepção baseada no saber – a competência em informação é vista como a sábia utilização da informação em benefícios dos demais. Implica a adoção de valores pessoais no uso da informação. Implica colocar a informação num contexto mais amplo, e vê-la à luz de uma experiência maior, por exemplo, histórica, temporal ou socio-cultural (BRUCE, 2003, p. 279-284, tradução nossa).

Denota-se que as concepções acerca da competência em informação são de natureza vária, porém a competência em informação não é um elemento fechado, o que nos permite compreender que a mesma pode abarcar e estabelecer relação com elementos pertencentes a distintas concepções.

Neste sentido, Vitorino e Piantola (2011) argumentam que a competência em informação abrange algumas dimensões como a técnica, estética, ética e política, como pode-se visualizar a partir do Quadro 1.

Quadro 1 - Resumo das características da competência em informação

Dimensão técnica	Dimensão estética	Dimensão ética	Dimensão política
Meio de ação no contexto da informação. Consiste nas habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos. Ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.	Criatividade sensível. Capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação. Experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.	Uso responsável da informação. Visa à realização do bem comum. Relaciona-se a questões de apropriação e uso da informação, tais como propriedade intelectual, direitos autorais, acesso à informação e preservação da memória do mundo.	Exercício da cidadania. Participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes à vida social. Capacidade de ver além da superfície do discurso. Considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Fonte: Vitorino e Piantola (2011, p. 109)

Dentre as dimensões apresentadas no quadro 1 destaca-se a dimensão estética, por entender que ela imbrica em elementos que remetem à questão da recepção da informação pelo sujeito:

Identificar uma dimensão estética na competência informacional significa, então, afirmar a subjetividade implícita na recepção e na transmissão dos conteúdos informacionais, na medida em que toda ação traz em seu bojo um conteúdo pessoal, uma maneira específica de expressão, a qual se configura como uma forma estética. (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 103).

“Ao dizermos que existe uma dimensão estética na competência informacional, referimo-nos à experiência interior, individual e única do sujeito.” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 103-104). Isso remete ao conceito de modelo mental o qual está relacionado à “[...] imagens, pressupostos e/ou histórias que trazemos, em nossas mentes acerca de nós mesmos, sobre outras pessoas, instituições e todos os aspectos do mundo” (SENGE, 1995, p. 221).

O conceito clássico de modelo mental, conforme Johnson-Laird, foi disseminado a partir da publicação do livro *Mental Models*, em 1983. Em seu estudo, o autor busca explicar o raciocínio dedutivo e a compreensão do texto escrito e propõe que os “[...] modelos mentais são análogos estruturais de estados de coisas do mundo”, sendo, portanto representações internas de informações que correspondem analogamente ao que está sendo representado (JOHNSON-LAIRD, 1983 apud BORGES, 2008). Por sua vez, Hutchens (2001 apud ESTRADA; FLORES; VASCONCELOS, 2009) menciona que modelos mentais são as crenças, imagens e pressupostos que os indivíduos têm sobre si mesmos, seu mundo, sua organização e como se encaixam neles. Ainda, sob outro ponto de vista, existe a menção de que os modelos mentais são construídos por eventos e aspectos do mundo usando processos cognitivos tácitos e, por esse motivo, raciocina-se com esses modelos (JOHNSON-LAIRD, 1983 apud BORGES, 2008).

A partir dessas conceituações, pode-se dizer que a relação que o sujeito estabelece com a informação está arraigada ao seu modelo mental e são percepções e concepções exclusivamente do mesmo, as quais podem ser “elaboradas” a partir da recepção da informação. Portanto:

Ao imaginarmos ou criarmos relações mentais em resposta a uma informação, trazemos à consciência algo de nós mesmos, algo do fundo de nossa vida psíquica, imprimindo-lhe características pessoais, não verificáveis nem necessariamente compartilhadas pelos demais indivíduos em sociedade (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 103-104).

Assim, a informação ao ser apropriada pelo sujeito será carregada por características e concepções próprias, ao passo que a recepção e apropriação da informação ocorre de forma única de sujeito para sujeito.

2.2 RECEPÇÃO LITERÁRIA E DA INFORMAÇÃO: BUSCANDO CONTRIBUIÇÕES EM DIFERENTES ÁREAS

Pode-se dizer que a demonstração de um *sentimento* por uma pessoa ao ter contato, por exemplo, com uma obra, seja ela de artes plásticas, cênica, musical, literária, museológica, científica, informativa etc. é uma recepção.

Ao se buscar o entendimento do que é e como ocorre a recepção da informação, sente-se a necessidade da apropriação de conhecimentos oriundos, primeiramente, da Teoria da Literatura, mais especificamente da *teoria Estética da Recepção*, que foi iniciada em 13 de abril de 1967 com a conferência ministrada por Hans Robert Jauss na Universidade de Constança - Alemanha. Em *A estética da recepção: colocações gerais* (2002), Jauss deixa explícita a necessidade de distinguir dois modos de *recepção*: o primeiro seria o processo em que se concretizam os efeitos e o significado para o leitor contemporâneo da obra. O segundo diria respeito ao processo histórico pelo qual o texto é recebido e interpretado por diversos leitores. Esse autor ressalta um fator muito importante para o estudo da recepção: o momento da experiência primária e o do ato de reflexão são diferentes, mencionando que a experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra, menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. Em decorrência, a experiência primária de uma obra de arte é realizada em sintonia com seu efeito estético - na compreensão fruidora e na fruição compreensiva

Partindo da ideia de que a experiência estética possui de antemão um componente cognitivo, a teoria estético-recepcional reivindica, a partir das noções de fruição compreensiva e compreensão fruidora, que “[...] só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia” (ZILBERMAN, 1989, p. 53).

Uma questão que deve ser destacada em relação a essa fruição compreensiva mencionada é: em que medida a investigação sobre esse “fruidor ideal histórico” pode de fato se converter numa teoria que compreenda a relação que se estabelece entre os fruidores, as manifestações expressivas e as dimensões da competência em informação?

Inicia-se por destacar que o sujeito em foco pela teoria da literatura é o leitor de textos literários, envolvendo uma tríade: criação – comunicação – recepção. Mas,

serão aqui aproveitados os conhecimentos dessa teoria, porque ele é um sujeito também de quaisquer outros gêneros de textos que contenha informação. Para compreender a importância desse sujeito no contexto da leitura literária, apresenta-se o seguinte dado histórico:

A teoria da recepção examina o papel do leitor na literatura [...]. De forma muito sumária, poderíamos periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: uma preocupação com o autor (romantismo e séc. XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor, nos últimos anos. (EAGLETON, 1983, p. 80).

Cita-se isso para lembrar que, na Biblioteconomia, a percepção da importância do leitor, usuário, cliente, ou outra denominação, também não foi diferente, o foco prioritário era o livro e a constituição do acervo e isso persistiu por muitos anos.

Almeida Júnior (2004) adverte que “[...] a preocupação com os usuários teve início apenas no final do século XIX, com o surgimento da idéia de um serviço, de um espaço dedicado ao seu atendimento. Pouco mais de 100 anos dentro de uma história que, conhecida, remonta a mais de oito ou nove séculos.”

Felizmente, na atualidade, o enfoque está na informação, seja ela em que suporte estiver. Outro aspecto positivo é que o profissional da informação está cada vez mais demonstrando preocupação com a necessidade de informação do sujeito, com sua capacidade de buscá-la e com o uso que ele faz dela.

Apoiados na literatura sobre o assunto é possível afirmar que existem diferentes recepções e que elas, além de valorizar o receptor, fazem com que a sociedade volte o olhar não apenas para o artista, mas também para o expectador, não apenas para os músicos, mas também para o ouvinte e não apenas para a obra, mas também para o leitor.

Além disso, vale lembrar que para haver a apropriação de uma informação, antes é necessário que o ato da leitura aconteça. Leitura que nem sempre é realizada de maneira fácil, pois entre os fatores que se acredita interferir na leitura estão os de caráter: **textual** (gênero escrito, oral, gráfico, sonoro, virtual...), **psicológico** (interesse, desinteresse, concentração, desatenção, cansaço...), **cultural** (nível de alfabetização, repertório...), **físico** (grau de percepção visual, postura, mobiliário...),

econômico (doação, compra, empréstimo), **ambiental** (iluminação, ventilação, temperatura, ruídos excessivos...), **tecnológico** (suporte escrito, suporte vocal...) e **estético** (prazer e desprazer, aceitação e rejeição).

Toda obra literária apresenta uma relação dialógica entre literatura e leitor, o que traz consigo um processo de interação cujo grau de perenidade é dependente de referenciais estético-ideológicos, os quais dependem não apenas dos aspectos estéticos da obra, mas também da experiência de vida do leitor, requerendo a presença do processo de compreensão. Ressalte-se que, para Zilberman (1989) esses referenciais estão ligados às dimensões: social (posição hierárquica do sujeito na sociedade); intelectual (visão de mundo de acordo com a hierarquia e aprendizado na educação formal); ideológica (valores presentes no meio e incorporados pelos sujeitos); e, linguística (emprego de padrão expressivo que corresponde às normas cultas aprendidas na educação e no espaço social).

O principal elemento nesse cenário de diferentes dimensões é a questão da lógica da pergunta e da resposta a fim de que sejam identificadas as expectativas do leitor, as questões inovadoras do texto e as diversas compreensões no tempo. Saliente-se, ainda, que as obras representativas são as que permanentemente provocam novas indagações nos leitores, em diferentes momentos históricos, levando-os a se emanciparem, reconhecendo-se a si mesmos e aos outros, compreendendo melhor o mundo.

Vale lembrar que a leitura é uma prática que se constrói a partir do exercício interpretativo de sujeitos históricos que se localizam em um determinado contexto social e espaço-temporal. Em decorrência, a estética da recepção se constitui como um dos esforços teóricos mais originais sobre a questão da leitura. Operando com conceitos como: *efeito*, *recepção*, *emancipação*, *horizonte de expectativa* e *leitor implícito*, a estética da recepção tem por objetivo explicar sistematicamente o funcionamento deste fenômeno, e inseri-lo no contexto das práticas culturais de produção de sentido.

Entretanto, para que isso aconteça efetivamente, segundo Bourdieu (1982) é preciso que exista uma instância mediadora, definida pelas condições econômicas e educacionais, passando a transformação do sujeito histórico em leitor, por meio do

aprendizado de acesso e uso dos bens culturais, o que nos declina a uma aproximação com a competência em informação, ao passo que a mesma possui um caráter educacional, uma vez que o sujeito aprende e/ou desenvolve as formas pelas quais ele lida com a informação no modo de acessá-la e usá-la de modo assertivo na sociedade e, neste contexto, a figura do mediador deve se fazer presente, seja este o bibliotecário, o educador etc. Aqui, considera-se a importância desse mediador ser competente em Informação.

Neste cenário, encontramos aportes na Comunicação Social e nos Estudos Culturais, corrente que questiona o modo como as pessoas recebem as informações na forma de mensagens, dando origem aos estudos de recepção os quais enaltecem a participação do sujeito no processo comunicativo. Justifica-se esta abordagem no presente artigo, pois ao refletir, o que é a relação do leitor com o universo informacional senão um processo de comunicação? E o que é o processo de comunicação senão uma partilha e criação de significados pelo sujeito?

É por meio da Comunicação Social que se pode trazer a discussão da recepção da informação e a produção de sentido:

A recepção passa a ser vista não mais como algo individual, mecânico e efêmero, mas como processo que se prolonga no tempo e se difunde no contexto sociocultural. A produção de sentidos se dá nas apropriações vivenciadas pelos receptores em seu lugar social, em interação com seus pares, marcada por experiências de interpretação, balizada por mediações socioculturais (BARROS, 2012, p. 80).

Neste sentido, as mensagens existem e não são estáticas, elas são dinâmicas, mutantes, uma vez que cada sujeito atribui significado às mesmas por meio da recepção. Ou seja, o indivíduo capta do mundo exterior as mensagens, os significados existentes e atribui seus próprios significados aos mesmos. Portanto, “cada ato de significação transforma o estado efetivo de todas as significações já existentes” como aborda (HALL, 2003, p. 363).

É sabido que pesquisas científicas nos últimos anos, têm focado a recepção por intermédio de diferentes mídias. No entanto, antes de qualquer análise vale

[...] afirmar que os sentidos e os significados últimos de uma mensagem são produto de diversas mediações (étnicas, de classe, de sexo, institucionais etc). Por outro lado, isto significa que o processo de

comunicação não se conclui com a sua transmissão, senão que propriamente aí se inicia (LOPES, 1996, p. 44).

Seria esta, talvez, a inter-relação entre a competência em informação, a teoria da estética da recepção e as teorias da comunicação?

Como possível resposta à questão, pode-se afirmar que por meio da literatura o receptor da informação já não exerce mais o papel passivo perante as mensagens com as quais se relaciona, seja em qual formato ela se apresentar. Assim, para Primo (2003), o receptor passa a ser um interagente porque se torna um sujeito participante dos processos de comunicação de forma ativa, sendo este um (re)construtor das mensagens que lhes são apresentadas. Este modelo de receptor é o inverso do modelo clássico de sistemas de comunicação, onde o receptor absorve aquilo que lhe é proposto e não retrabalha a informação para gerar novos conhecimentos.

É nesse sentido que se percebe a inter-relação da competência em informação com a recepção, pois é a partir da atribuição de significado pelo sujeito para a informação, que o mesmo pode destinar uma finalidade à mesma, processo que demanda a mobilização e/ou desenvolvimento de habilidades específicas, ou mais especificamente, determinadas habilidades de acesso e uso da Informação de forma inteligente, visando à construção de conhecimento novo e sua aplicação à realidade histórica em que se situa. Em especial, no que menciona Jauss (2002) em relação à tríade – criação, comunicação e recepção, é que se pode efetuar transposições teóricas e estabelecer articulações com as dimensões da competência em informação, quer sejam: instrumental, enquanto capacidade de compreender e usar conceitos e práxis com significados que são relevantes à educação e às áreas pessoais e profissionais; recursos, consistindo em habilidades para compreender a forma, o formato, os métodos de localização e acesso aos recursos informacionais; sócio-estrutural, que envolve o conhecimento de como a informação é socialmente situada e produzida e como ela se ajusta à vida dos grupos sociais: (instituições e redes sociais que criam e organizam informação e conhecimento) e os processos sociais através dos quais é gerada; editorial, requerendo o desenvolvimento de habilidades para dar forma e publicar eletronicamente pesquisas e ideias, em formatos impressos e multimídia; e, tecnologias, no sentido de habilidades para se adaptar

continuamente às tecnologias emergentes, para compreender, avaliar e fazer uso das contínuas inovações das tecnologias de informação e comunicação, principalmente para tomar decisões inteligentes.

Pelo exposto, qual seja o sujeito, bem como a relação do mesmo com a informação, este sempre será o ator principal no processo de recepção e atribuição de significado à mesma, ressaltando que no presente artigo enfoca-se a possibilidade destes processos no contexto do leitor literário. Cabe ressaltar ainda a relevância do bibliotecário enquanto agente mediador deste contexto que, além de ser competente em Informação, requer sua mobilização para o desenvolvimento da competência em Informação nos leitores literários.

3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Sendo a leitura fundamental ao indivíduo, com raras exceções, é uma releitura, pois vive-se em constante apreensão e construção de significados, sejam eles de texto e de vida. Acredita-se que, talvez, isso seja consequência das relações socio-culturais, pois influenciados e somos influenciados cotidianamente e isso é fundamental para o desenvolvimento social, cultural, científico e tecnológico de uma Nação.

Na Biblioteconomia, até por desconhecimento da teoria Estética da Recepção e maior proximidade com a Comunicação Social, é comum o bibliotecário dizer que nada adianta os livros estarem em perfeita ordem nas estantes, se o leitor não tem acesso a eles. Estudando essa teoria, pode-se ampliar essa ideia dizendo: nada adianta ao leitor ter acesso aos documentos em diferentes suportes, se não há a recepção dos textos contidos neles por meio da mediação, seja ela informacional, tecnológica, cultural, literária; utilizando-se dos recursos de comunicação impressa, eletrônica ou oral. Entretanto, convém ressaltar que o acesso aos documentos requer uma leitura deve ser compreendida como uma atividade multisensorial. Isto implica necessariamente na capacidade adquirida pelo leitor de transitar, de modo proficiente e colaborativo, entre distintas linguagens. Ocorre, no entanto, que a esta exigência se somam o domínio do conteúdo disponibilizado e as condições de realização da leitura.

Pelo exposto, sem a pretensão de esgotar o tema em foco, pressupõe-se que para compreender a competência em informação do sujeito, é necessário voltar o olhar à recepção que o mesmo faz da informação, seja ela qual for; as abordagens voltadas a este contexto certamente contribuirão para o cenário de estudos dessa área ainda emergente no Brasil.

Para finalizar, lança-se um novo desafio aos bibliotecários para incorporarem também à sua formação o estudo da teoria do efeito estético, teoria constituída por Iser (1996) (disseminada em 1978) que defende ser o texto literário (na abordagem utilizada, considerada como todos os gêneros de textos) uma premissa de comunicação. Em decorrência, portanto, não é recomendável investigar apenas o texto, mas o leitor que o recebe e a interação entre eles, bem como a relação da competência em informação neste processo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A mediação e atuação do bibliotecário. In: FADEL, B. (Org.). **A informação nas organizações sociais**: desafios em face de multiplicidade de enfoque. Marília: FUNDEPE, 2004. 1 Cd-rom.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential committee on information literacy: final report. Washington, 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/publications/whitepapers/presidential.cfm#importance>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_01.htm>. Acesso em: 1 abr. 2013.

BARROS, L. M. Recepção, mediação e midiatização. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012.

BELLUZZO, R. C. B. **Construção de mapas**: desenvolvendo competências em informação e comunicação. 2. ed. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.

_____. Como desenvolver a Competência em Informação (CI): uma mediação integrada entre a biblioteca e a escola. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 11-14, out. 2008.

_____. Competências e novas condutas de gestão: diferenciais de bibliotecas e sistemas de informação. In: VALENTIM, M.L.P. (Org.). **Ambientes e fluxos de informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 23-53

BORGES, A. T. **Como evoluem os modelos mentais**. Disponível em: <<http://150.164.116.248/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/15/41>>. Disponível em: 23 mar. 2012.

BOURDIEU, P. **A economia de trocas simbólicas**. Porto Alegre: Perspectiva, 1982.

BRUCE, C. S. Lãs siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. **Annales de Documentación**, n. 6, p. 289-294, 2003.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, fev. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/26/22>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

DUDZIAK, E. A. **A Information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/issue/view/25>>. Acesso em: 27 fev. 2009.

_____. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/7045/6994>>. Acesso em: 20 set. 2011.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, c1983.

ESTRADA, R. J. S; FLORES, G. T.; VASCONCELOS, F. **A Influência dos modelos mentais no processo de mudança e no desempenho organizacional**: uma proposição de perfil de modelo mental. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/1032.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

HALL, S. Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação: uma entrevista com Stuart Hall. In: _____ **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 353-386.

HORTON JUNIOR, F. W. **Overview of information literacy resources worldwide**. Paris: UNESCO, 2013.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. 2 v.

JAUSS, H. R. **A estética da recepção**: colocações gerais: a literatura e o leitor: textos de estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOPES, M. I. V. Pesquisa de recepção e educação para os meios. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 6, p. 41-46, maio/ago. 1996.

PRIMO, A. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INTERCOM, 26., **Anais...** 2003. Belo Horizonte, 2003.

SENGE, P. et al. **A quinta disciplina**: caderno de campo. São Paulo: Qualitymark, 1995.

URIBE TIRADO, A. **La alfabetización informacional en iberoamérica**. Ibersid, 2010. Disponível em: <eprints.rclis.org/bitstream/.../IBERSIDAfinIberoamericaUribeTirado,A.pdf>. Acesso em: 31 maio 2012.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez., 2009.

_____. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, mar. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1918/1397>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.